

A representação da cidade de  
Camapuã-MS no poema  
“Torrão amado”, de Aparecido  
Alves Machado

Erick Leite<sup>1</sup>

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Altamir Botoso<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

### Resumo

Este artigo visa identificar e analisar elementos que evidenciam a representação do espaço referente à cidade de Camapuã (Mato Grosso do Sul) no poema “Torrão amado”, da obra poética *Cinderelas do Campo* (1992), de Aparecido Alves Machado. O autor integra um grupo de escritores camapuenses que, ao longo da década de 1990, produziu poemas e narrativas, sobretudo, a respeito da cidade de Camapuã-MS. A estética romântica e a relação com o espaço são aspectos patentes desse grupo. Portanto, a fim de compreender a elaboração do espaço na poética de Alves Machado, tomamos um percurso analítico dividido em três linhas principais: a literatura sul-mato-grossense, o romantismo e a configuração do espaço. Como suporte teórico, no que diz respeito à literatura sul-mato-grossense, elegemos Pontes (1981), Rosa e Nogueira (2011). Cademartori (1993) e Moisés (2012) compõem a fundamentação a respeito do Romantismo, tendo em vista o viés estético do poeta. Por fim, consideramos os estudos sobre a configuração do espaço, pautados principalmente pelas contribuições de Gaston Bachelard (2005) e Eric Dardel (2011).

### Palavras-chave

Literatura Sul-mato-grossense. Representação. Camapuã. *Cinderelas do Campo*. Aparecido Alves Machado.

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

2 Possui doutorado em Letras [Assis] pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004), com ênfase em Literaturas Estrangeiras Modernas.

## **Introdução**

O presente artigo visa identificar e analisar a representação da cidade em um poema de Aparecido Alves Machado, bem como salientar a relação do poeta com a urbe cantada em seus versos, Camapuã (Mato Grosso do Sul). Para tanto, selecionamos o poema “Torrão Amado”, presente na única obra publicada do autor em questão, *Cinderelas do Campo* (1992), na premissa de que esse reúne as principais imagens poéticas que o autor se vale ao tecer sua poesia ao longo de toda antologia e que desnudaremos em nossas ponderações, outrossim, este poema nos servirá como *corpus* de análise.

Aparecido Alves Machado integra um grupo de escritores camapuenses que, ao longo da década de 1990, produziu poemas e narrativas, sobretudo, a respeito da cidade de Camapuã-MS. A estética romântica e a relação com o espaço são aspectos patentes desse grupo. Portanto, a fim de compreender a elaboração do espaço na poética de Alves Machado, tomamos um percurso analítico dividido em três linhas principais: a literatura sul-mato-grossense, o romantismo e a configuração do espaço.

Apesar de se situar na contemporaneidade, Alves Machado vale-se de propensões românticas para tecer seus versos. Maria da Glória Sá Rosa e Albana Xavier Nogueira reiteram, quanto à permanência dessa estética nas produções sul-mato-grossenses contemporâneas, que “são abundantes as criações em verso e prosa que trazem expressivos traços do Romantismo” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 337). O remotismo espacial e temporal, a melancolia, o culto à natureza, a valorização das emoções, o nacionalismo, características românticas, conforme aponta Cademartori (1993), que se manifestam na produção de Alves Machado, e que discutiremos em nossa análise mais adiante.

A cidade é a amada do poeta, a forte carga de idealização, proveniente de sua inclinação estética, e os aspectos regionalistas, característicos de autores sul-mato-grossenses, plasman imagens únicas a respeito de Camapuã. Assim sendo, analisamos um poema de Alves Machado que traz essa elaboração do espaço, a fim de compreender sua configuração. Tendo como fio condutor a produção de Alves Machado, esperamos com esse estudo impulsionar outras pesquisas sobre a arte literária camapuense, e contribuir com outros trabalhos a respeito da representação de Camapuã na literatura.

*1 O poeta sul-mato-grossense e a estética romântica*

Aparecido Alves Machado nasceu em Ribas do Rio Pardo (Mato Grosso do Sul), em 1940, mas passou grande parte de sua vida em Camapuã. Simultaneamente ao cargo de escrivão da polícia civil, dedicava-se ao cultivo da arte literária e de seus poemas, que, com frequência, eram publicados nos jornais locais. Em 1990, recebe a Medalha E. D’Almeida Vitor, outorgada pela *Revista Brasília*, bem como o diploma de Cidadão Camapuense (ARAÚJO, 1992), ambos em razão de sua contribuição à cultura letrada.

Em 1992, impulsionado pela série de publicações dos autores locais, e pela Associação dos Novos Escritores de Mato Grosso do Sul, Alves Machado lança a obra *Cinderelas do Campo*, antologia que reúne poemas anteriormente publicados nos jornais da cidade, bem como outros novos, além de dois contos e uma crônica. A idealização da mulher amada, a versificação, a relação entre Deus, homem e natureza são os elementos mais ostensivos na obra, e que se filiam à estética romântica.

José Couto Vieira Pontes (1981) afirma, em relação à permanência de convenções românticas na lírica sul-mato-grossense, que ela foi essencial para a consolidação da arte literária no estado. O referido estudioso declara que “o romantismo não perece, mas sim as formas e os revestimentos da expressão literária, que se renovam consoante o tempo” (PONTES, 1981, p. 30).

Rosa e Nogueira (2011), em seu levantamento acerca das tendências e vertentes mais expressivas na arte literária produzida em Mato Grosso do Sul, destacam a presença de traços do Romantismo e a exploração de temáticas regionais e locais da cultura, em uma dinâmica de redescobrimento da história local, a fim de consolidar uma identidade. As autoras ainda tecem as seguintes observações:

Dentro dessa temática de raízes pantaneiras, emerge, com grande força, a recriação da ambiência local, em reciprocidade com o universal. São criações em verso ou em prosa poética, que revalidam valores imprescindíveis para o redimensionamento do capital cultural da região, dentro de uma dimensão plural. É no centro dessa vertente literária que se encontram as produções poéticas que se ocupam de lendas, mitos, variedades linguísticas locais, memórias da infância, cenários naturais, e outros temas afins, que extrapolam as fronteiras da região e do país, dando visibilidade e fortalecimento às expressões culturais regionais. (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 337).

Verificamos o mesmo movimento apontado pelas autoras na obra poética de Alves Machado, em uma escala local. Camapuã é o núcleo de inspiração do poeta; a cidade, a natureza, a história e as peculiaridades culturais são o combustível de sua matéria lírica, que expressa o sentimento genuíno de ser camapuense.

Tomando por base essa relação do poeta com o meio, elegemos a natureza como espaço para análise, a fim de perscrutar os elementos que estruturam o poema

“Torrão amado”, destacando como se dá a recriação da cidade de Camapuã no universo poético de Alves Machado. Para atingir esse propósito, trataremos das categorias representação e espaço no tópico a seguir.

## **1 Representação e espaço**

Genette (2015, p. 44) afirma que “a linguagem [verbal] parece naturalmente mais apta a exprimir as relações espaciais do que qualquer outra espécie de relação (e, portanto, de realidade)”. Sabendo que a linguagem é um sistema de natureza simbólica, mesmo que os poemas de Alves Machado acerca de Camapuã apresentem um referencial real, sua representação pode perfazer não apenas o verossímil, mas também se conecta a uma articulação da realidade.

É válido ressaltar que uma representação, embora seja crível ao ponto de se tornar reconhecível para o leitor, é um fenômeno concebido pela memória, que se opera plenamente pela linguagem e, como afirma Chauí (2000, p. 173), “a linguagem pode ser cosmético, maquiagem ou máscara para dissimular ou ocultar a verdade sob as palavras”. Sendo assim, o espaço evocado pela memória matiza-se por inferências do autor: sensações, desejos, percepções etc.

Mais que representar Camapuã, o autor de *Cinderelas do Campo* (1992) perfaz um movimento de reinvenção da cidade a partir da memória; ainda que mantenha referências reconhecíveis, infere-se esse espaço como um lugar simbólico, carregado de significados. Sendo assim, constatamos que a representação de Alves Machado aponta para uma (re)criação do espaço, reconfigurado pela escrita.

Tendo em vista essa construção singular dos espaços literários na produção do poeta camapuense, podemos analisar seus poemas a partir da fenomenologia espacial de Gaston Bachelard (2005), no intuito de questionar os valores cristalizados que se estabelecem em alguns espaços, levando em conta que “a imaginação aumenta os valores da realidade” (BACHELARD, 2005, p. 23).

Bachelard assevera que a reprodução de uma imagem poética oriunda da lembrança é a combinação da imaginação e da memória, estas, por sua vez, alteram a percepção do real. O filósofo ainda declara que “imaginação e memória não se deixam dissociar. Ambas trabalham para seu aprofundamento mútuo. Ambas constituem na ordem dos valores uma união da lembrança com a imagem” (BACHELARD, 2005, p. 25). Portanto, compreendemos que a representação do espaço, na poética de Alves

Machado, é uma mescla de memória e imaginação traduzidas pelo signo linguístico.

Levando em consideração este percurso que tomamos, com o intuito de investigar os elementos convencionalmente associados ao espaço citadino na poética de Alves Machado, valer-nos-emos também dos estudos de Eric Dardel (2011).

Partindo de seus postulados teóricos, é possível interpelar que significados trazem as matérias apontadas pelo poeta camapuense, pois a fenomenologia geográfica de Dardel não pressupõe apenas a realidade material, mas uma realidade particular, própria do ser. Conforme o estudioso:

Na fronteira onde se insere o mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade de espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo. (DARDEL, 2011, p. 5).

Aspectos como a interioridade e a exterioridade amalgamam-se nas construções literárias (em prosa ou em poesia) e evidenciam modos diferenciados de se conceber o espaço, seja em relação ao campo, seja em relação à cidade, conforme se pode verificar nas produções poéticas de Alves Machado.

Nossa investigação tenciona compreender de que maneira a cidade de Camapuã plasma-se no poema “Torrão amado” e quais são os recursos empregados na (re)criação que a imaginação executa sobre os espaços representados por Alves Machado, principalmente com relação à sua significação. A seguir, passaremos à análise do *corpus* selecionado.

### *3 A musa do poeta: a cidade e suas peculiaridades*

Para esta análise, apontamos as imagens elaboradas por Alves Machado em seu poema “Torrão Amado” e analisamos segundo a fenomenologia espacial bachelardiana e a geográfica, de Dardel, e, com isso, objetivamos depreender de que modo essas imagens plasmam Camapuã no âmbito poético. A cidade se desvincula de seu conceito clássico — de pólis grega ou de urbe romana — e passa a assumir um significado simbólico. Concomitantemente, explicitamos os elementos românticos que se manifestam e se corporificam nos versos do poema e que nos ajudam a compreendê-lo melhor. O poema em questão encontra-se transcrito abaixo:

#### TORRÃO AMADO

Torrão amado; por mim eleito fora  
Meu berço de adoção; te amo tanto  
E sempre estarás comigo onde for  
Bem guardado no fundo do coração.

Torrão amado; que viu-me crescer  
Fostes tu que acolheu-me quando  
Ainda pequenino aqui cheguei e aí  
Encantaram-me seus montes e vales!

Torrão amado, às vezes em sonho  
Ou pensamento vou pelo mundo e,  
Percorro o infinito desconhecido  
Mas nunca afasto-me tanto de você.

Torrão amado, chegou a primavera  
Tudo se refaz; quanta beleza...!  
As matas verdes, o canto do sabiá  
As lindas flores da Caraíba, do Ipê!

Torrão amado; um dia longe de você  
Parece não ter fim; então triste e  
Sozinho; sinto que o amor por você  
CAMAPUÁ; vai envolvendo-me assim...!  
(MACHADO, 1992, p. 24).

Alves Machado se refere à Camapuã como “torrão amado”, o que poderíamos considerar como uma metáfora, porém esta definição não se encaixaria na visada fenomenológica que tomamos nesta análise. Gaston Bachelard (2005) considera a metáfora uma “falsa imagem”, pois possui e admite vários significados enquanto uma imagem está enraizada no ser. Por isso, presumimos que a expressão do poeta se volta mais para a configuração de uma imagem literária, que sugere mais do que descreve, mantendo, assim, relações profundas com a subjetividade do autor.

Bachelard denomina de “imaginação material” o trabalho do onirismo que assume forma de arquétipos materiais (fogo, água, ar e terra) no inconsciente do artista e que resulta no devaneio poético. Nesta perspectiva, “as imagens materiais nos envolvem em uma afetividade mais profunda, por isso se enraízam nas camadas mais profundas do inconsciente. As imagens materiais substancializam um interesse” (BACHELARD, 2003, p. 3). Compreender essas “imagens-princípios” nos fornece uma linha de leitura para o nosso *corpus*.

A expressão “torrão” é explorada por Bachelard nas obras de Rilke e Victor Hugo em seu estudo sobre as imagens terrestres (cf. BACHELARD, 2003, p. 26 e p. 191). O teórico associa a terra às imagens de repouso, refúgio e enraizamento, estas por sua vez suscitam um movimento de retorno às fontes de descanso: “A casa, o ventre, as cavernas,

por exemplo, trazem a mesma grande marca da volta à mãe” (BACHELARD, 2003, p. 4).

O vocábulo “torrão”, que, além de aparecer no título, é reiterado nas quatro estrofes do poema, nos versos iniciais, patenteia o significado de acolhida, de *locus amoenus* (lugar ameno, refúgio), revestido somente de valores positivos e do qual o eu lírico ressentia-se, quando é obrigado a se afastar dele.

Eric Dardel (2011) afirma que a relação primordial do ser humano com o mundo é definida pelo ato banal de repousar. Ao escolher um canto e deitar-se para dormir, este lugar torna-se o refúgio do ser, é o que o teórico chama de “pacto secreto com a terra”, e a base de existência desse ser. Desse modo, o lar passa a agir sobre a subjetividade lírica. Nesse sentido, reitera o crítico:

Há, no lugar de onde a consciência se eleva para ficar de pé, frente aos seres e aos acontecimentos, qualquer coisa de mais primitivo que o “lar”, o país natal, o ponto de ligação, isto é para os homens e os povos, o lugar onde eles dormem, a casa, a cabana, a tenda, a aldeia. Habitar uma terra, isso é em primeiro lugar se confiar pelo sono àquilo que está, por assim dizer, abaixo de nós: base onde se aconchega nossa subjetividade (DARDEL, 2011, p. 41).

Portanto, o “torrão” de Alves Machado traz em sua essência a figura da casa e da proteção, e não apenas isso, como também retoma a imagem da mãe. Consideramos que a simbologia da casa e da mãe são as imagens mais fortes que se plasam no poema, e ambas possuem a mesma essência e estão diretamente ligadas. “Mãe e Casa, eis os dois arquétipos no mesmo verso” (BACHELARD, 2003, p. 94). Camapuã não é somente o lar e o refúgio do poeta, mas essa cidade também assume um papel maternal.

Esta noção de maternidade está inextricavelmente ligada à próxima imagem levantada pelo poeta: o berço. Segundo Bachelard (2005, p. 26), “antes de sermos ‘jogados no mundo’, bem como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre nos nossos devaneios, ela é um grande berço”.

A expressão “berço de adoção”, que aparece no segundo verso, confirma a relação de enraizamento do eu lírico/poeta com as imagens levantadas no poema. A biografia do autor sustenta essa informação, pelo fato de Aparecido Alves Machado ter nascido em Ribas do Rio Pardo e, aos oito anos, ter se mudado para Camapuã (ARAUJO, 1992). A partir daí, a nova cidade, o “berço de adoção”, torna-se não somente o suporte material do eu lírico, mas também a base de sua existência e, por conseguinte, definidora de sua subjetividade, conforme pontua Dardel (2011).



O eu lírico dá continuidade à atmosfera maternal assinalada nas duas primeiras estrofes e, na terceira, manifesta-se uma característica comum aos autores românticos: o escapismo espacial em busca da tentativa de recuperar o tempo da infância. Cademartori (2004, p. 39) afirma que: “O passado atrai pelo exótico, por estar distante. É pela mesma razão, pelo desejo de escapar do circunstancial, que se manifestam no Romantismo o sonho, a loucura, a utopia, as reminiscências de infância”.

O escapismo empreendido pelo eu lírico está diretamente ligado à Camapuã. A cidade assume a essência da casa materna, esta por sua vez sustenta o onirismo do poeta, o que leva ao devaneio poético e, por conseguinte, possibilita ao eu lírico repousar sobre o seu passado. A casa e a infância são imagens literárias que estão diretamente relacionadas, porque, de acordo com Bachelard: “o poeta bem sabe que a casa mantém a infância imóvel ‘em seus braços’” (2005, p. 27).

Na quarta estrofe, o eu lírico expressa o sofrimento que o afastamento da terra lhe causa, o “sonho” retoma a relação de repouso que permeia o poema, e, nessa estrofe, fica claro que o fato de repousar sobre a terra transcende o contato inicial com o solo. Dardel (2011) explica que o exílio, o abandono das fontes de repouso, ferem a subjetividade do ser, pois as bases concretas de sua existência lhe são retiradas. Assim, apenas a ideia do distanciamento da terra já lhe causa sofrimento.

Em seguida, a natureza é o elemento que recebe destaque na quinta estrofe, e que compõe mais uma característica do romantismo presente na produção de Alves Machado. A cidade é representada pelo poeta na segunda e na quinta estrofes por intermédio da sua mescla com figuras naturais: “montes”, “vales”, “matas”, “flores”, etc. Massaud Moisés (2012) reitera que o mundo interior do romântico é projetado na natureza, configurando mais uma forma de escapismo espacial, desse modo, conforme assevera o crítico:

A fuga no espaço manifesta-se inicialmente no rumo da Natureza encarada como confidente passiva e leal, e mãe-consoladora: espécie de *alter ego* do poeta, oferta-lhe as respostas que sua sensibilidade reclama. A Natureza é um “estado d’alma”, enfim. Na contemplação dos lagos, rios, montes, o firmamento, os prados, etc., os românticos descobrem “mistérios” como se pervagassem o seu próprio mundo interior. (MOISÉS, 2012, p. 420).

As descrições naturais no poema estão inteiramente ligadas ao seu telurismo, reforçando a proposição do laço entre o eu lírico com a terra. Como aponta Moisés, a Natureza é a “mãe consoladora”, e, dessa forma, mais uma vez, a essência materna pode



ser enfatizada no poema e relacionada com as imagens de repouso, aconchego, paz e felicidade.

A última estrofe retoma o sofrimento que a distância das fontes de repouso provoca: “Torrão amado, um dia longe de você/Parece não ter fim [...]” (MACHADO, 1992, p. 24). Por isso, a evocação da natureza no poema, em conformidade com as concepções de Dardel (2011), compõe-se de imagens que retomam a terra natal e são uma tentativa de fechar/vedar a ferida que a distância lhe causa. Ao eu lírico “resta-lhe uma quantidade de ‘objetos’: as árvores, as colinas, as casas, mas é sua própria subjetividade que foi ferida e todas as ‘razões’ não podem lhe recuperar o valor desses objetos, falta poder ‘possuí-los’ a partir de um suporte” (DARDEL, 2011, p. 41).

A voz do eu lírico no poema em análise desvela a dor da ausência do local no qual ele fincou suas raízes, e essa dor só pode ser amenizada pelo amor que ele sente pela cidade e pelo acolhimento que ela lhe proporciona.

O sofrimento do romântico está diretamente ligado à amada, “a mulher santa, assexuada e digna de amor – que será a mãe, a irmã e aquela que, com estas possa ser, assemelhada” (CADERMATORI, 1993, p. 40). Camapuã assume esse aspecto feminino, puro, transformando-se na diva do poeta, mãe/amada e musa inspiradora. É para ela que o eu lírico direciona seus afetos e por quem sofre: “sinto que o amor por você/CAMAPUÃ, vai me envolvendo assim” (MACHADO, 1992, p. 24).

Sendo assim, Camapuã, para o eu lírico, não é somente o espaço de sua realização material. É a base de sua existência, a fonte de seus sonhos, a musa inspiradora. Toda essa carga de simbologia é evocada nas imagens terrestres presentes no poema: “montes”, “vales”, “matas verdes”, enfim uma natureza exuberante que conota um espaço bucólico, de retidão e de pacificidade, no qual o eu lírico pode refugiar-se em suas lembranças e ser feliz. “Torrão-amado” é a casa, a mãe e a fonte de repouso do eu lírico. Neste devaneio poético, a infância, a natureza e a amada matizam-se, misturam-se e tornam-se uma única substância: a Terra. Camapuã traz, bem como exala ao longo do poema, e assim nos propomos a defender, essa qualidade terrestre, portanto, ela representa tudo o que é cálido, acolhedor, e que garante o bem-estar do poeta.

## **Conclusão**

Aparecido Alves Machado (re)cria Camapuã através dos versos do poema “Torrão natal”. As memórias de infância e o código linguístico dão forma a essa

reinvenção, e a imaginação fica responsável por potencializar a simbologia que o texto abarca. Analisando as imagens presentes na construção poética de Alves Machado, constatamos, a partir da fenomenologia da poética do espaço, que estas trazem a essência de substâncias terrestres, e, segundo os pressupostos de Bachelard e Dardel, compreendemos que a cidade passa a assumir dois principais símbolos: a casa e a mãe. Ambas se misturam e se sobrepõem, pois Camapuã é as duas coisas ao mesmo tempo, assim como pondera o filósofo francês:

No trajeto que nos leva de volta às origens, há primeiramente o cantinho que nos restitui à infância, à nossa infância sonhadora, que desejava imagens, que desejava símbolos para duplicar a realidade. A realidade materna foi multiplicada imediatamente por todas as imagens de intimidade. A poesia da casa retoma esse trabalho, reanima intimidades e recobra a grande segurança de uma filosofia de repouso. (BACHELARD, 2003, p. 94).

A casa é onde o eu lírico repousa plenamente, onde seu íntimo está seguro, portanto, esta é a base de sua existência, definidora de sua subjetividade. O berço é a imagem intermediária entre a casa e a mãe. Traz as propriedades da segurança do lar e do calor maternal. A imagem da mãe permeia todo o texto, é evocada pela natureza e pelo sofrimento que a distância causa. É “a virgem” do romântico, razão de suas dores e a quem ele direciona seus afetos.

O par casa/mãe converte-se em símbolos que remetem a Camapuã, uma cidade que, assim como a casa, oferece abrigo, proteção e, como mãe, oferta amor, cumplicidade e a possibilidade de o eu lírico integrar-se e fazer parte de um novo espaço, do qual não deseja e nem quer se afastar.

A evocação da infância e da natureza compõe o escapismo espacial realizado pelo poeta. A memória lhe traz o passado, a partir de reminiscências da casa, do berço e da mãe. Camapuã é representada segundo a memória do eu lírico e, se suas lembranças trazem essas propriedades, certamente a cidade assume os mesmos valores e a sua poesia os concretiza nos versos do poema analisado.

Rosa e Nogueira afirmam que “alguns poetas sul-mato-grossenses ainda estão presos às normas do Romantismo [...], falta a esses poetas trabalho mais apurado em relação ao verso [...]” (ROSA; NOGUEIRA, 2011, p. 327 e 328). Aparecido Alves Machado, apesar de se valer de tendências consideradas como “ultrapassadas”, consegue elaborar matéria lírica de uma profundidade simbólica ímpar. Acreditamos que perscrutar as “imagens-princípios” desse tipo de produção pode lhes resgatar o valor ocultado, e viabilizar que outras leituras como esta possam ser executadas em relação às produções

poéticas sul-mato-grossenses esquecidas pela crítica e que, como no caso em tela, podem revelar um modo muito peculiar de representar o espaço citadino, numa construção poética bastante rica em imagens e recursos expressivos que engrandecem a poesia oriunda do estado de Mato Grosso do Sul e merecem ser estudadas com mais profundidade.

## Referências

- ARAÚJO, Reginaldo Alves. “Prefácio”. In: MACHADO, Aparecido Alves. **Cinderelas do Campo**. Campo Grande: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul, 1992.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Terra e os Devaneios do Repouso**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CADEMARTORI, Lígia. **Períodos literários**. São Paulo: Ática, 1993.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica**. Trad. Welther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GENETTE, Gérard. **Figuras II**. Trad. Nícia Adan Bonatti. 1. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.
- ALVES MACHADO, Aparecido. **Cinderelas do Campo**. Campo Grande: Associação de novos escritores de Mato Grosso do Sul, 1992.
- MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.
- PONTES, José Couto Vieira. **História e Literatura de Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Editora do Escritor, 1981.
- ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. **A Literatura Sul-Mato-Grossense na Ótica de seus Construtores**. Campo Grande: Life Editora, 2011.

## THE REPRESENTATION OF CAMAPUÃ-MS CITY IN THE POEM “TORRÃO AMADO” BY APARECIDO ALVES MACHADO

### Abstract

This article aims to identify and analyze elements that evidence the representation of space referring to the Camapuã city (Mato Grosso do Sul) in the poem “Torrão amado”, from the book *Cinderelas do campo* (1992), by Aparecido Alves Machado. The author integrates a group of Camapuã’s writers who, throughout the 1990s, produced poems and narratives, especially about the city of Camapuã-MS. Romantic aesthetics and the relationship with space are evident aspects of this group. Therefore, in order to understand the elaboration of space in Alves Machado's poetics, we take an analytical path divided into three main lines: the literature of Mato Grosso do Sul, romanticism and the configuration of space. As a theoretical support, with regard to the Mato Grosso do Sul literature, we elected Pontes (1981), Rosa e Nogueira (2011). Cademartori (1993) and Moisés (2012) compose the rationale regarding Romanticism, considering the poet's aesthetic bias. Finally, we consider the studies on the configuration of the space, guided mainly by the contributions of Gaston Bachelard (2005) and Eric Dardel (2011).

### Keywords

Sul-mato-grossense Literature. Representation. Camapuã. *Cinderelas do Campo*. Aparecido Alves Machado.

---

Recebido em: 12/10/2020

Aprovado em: 22/03/2021